

# ANÁLISE DO MEMORIAL DA FINITUDE DE SARTRE NA OBRA “A CERIMÔNIA DO ADEUS”, DE SIMONE DE BEAUVOIR

Ana Elisa Sena Klein da Rosa<sup>1</sup>

Ester Paes Klein da Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o texto de maior repercussão e impacto de Simone de Beauvoir, o relato lento e progressivo de morte do filósofo, companheiro, escritor e militante do século XX: Jean-Paul Sartre. Considerados por muitos como símbolos intelectuais, mantiveram um relacionamento aberto, controverso e polêmico por mais de 50 anos. O objetivo deste trabalho é levantar alguns pontos de reflexão nos temas importantes para a pesquisa em gerontologia, tais como finitude, vida e morte, com base em relatos, testemunhos, escritos e diário de Simone sobre a progressão da doença de Sartre. O memorial de finitude de um filósofo existencialista, seus 10 últimos anos de vida, até a cerimônia do adeus, que foi acompanhada por aproximadamente 50.000 pessoas, procura retratar suas mortes diárias, capacidade de adaptação às perdas e as tentativas de manter-se vivo. Ao deixar o plano existencial, não morreu literalmente, porque conseguiu inserir a filosofia na vida das pessoas comuns. Sartre temia deixar de ser um homem de pensamento, ou seja, temia o fim de sua consciência como o fim de sua visão. O filósofo é reconhecido até hoje pelas contribuições criativas e brilhantes feitas ao meio acadêmico e à humanidade. Ora demonstrava ter perdido o sentido da vida, ora desejava fortemente continuar a viver, escrever sua história, redescobrir-se e continuar a vida com as dificuldades de cada fase, cada dia. A morte libertou-o do sofrimen-

---

<sup>1</sup> Fisioterapeuta, especialista em Fisiologia do Exercício e Mestranda em Gerontologia Social pela PUC- SP. *E-mail:* anaelisasena@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professora de Português, Inglês e Respectivas Literaturas, Especialista em Língua Inglesa pela UNASP. *E-mail:* ester.klein@unasp.edu.br.

to.

**Palavras-Chave:** Finitude. Vida. Memorial. Morte. Adeus.

## INTRODUÇÃO

É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque talvez, mais do que na vida, é na morte que o homem se revela. É nas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental (MORIN, 1988).

A morte é um fato irrefutável para nossos sentidos imediatos; todos os seres vivos, inclusive os humanos, morrem (SCHRAMN, 2002).

O saber-se mortal é um conhecimento que apresenta uma irreduzível dimensão afetiva, sendo o medo a resposta psicológica mais comum diante da morte e do morrer, ao qual estão relacionados os outros medos que temos durante a vida (KOVÁCS, 1992).

É a morte que nos diferencia de qualquer outro ser vivo. O homem é o único ser que sabe que vai morrer (GOLDFARB, 2002).

No século XIX, época dos grandes sistemas, a morte saiu da temática central dos textos filosóficos, e foi talvez Kierkegaard quem inaugurou uma nova perspectiva, chamada depois “existencial”, descrevendo a morte como algo que, para cada um de nós, é certo, mas cuja hora é bem incerta. Os filósofos da existência, no século XX, aprenderam esse dado sob a fórmula mais genérica da experiência da “finitude humana”. Para Heidegger, um dos “existenciais” que caracterizariam o homem como o “ser-para-a-

morte": "*Zum-Tode-sein*", isto significava que, entre as diversas possibilidades do homem, há uma que representa "a possibilidade da impossibilidade", ou seja, quando esta ocorre, todas as demais possibilidades ficam excluídas.

O desenvolvimento do ser humano se completa na última fase da vida, quando ocorre uma maior realização e um amadurecimento e, conseqüentemente, a capacidade de autoaceitação, superando as limitações físicas que inevitavelmente acontecem e levando à sabedoria de quem soube aproveitar bem as experiências proporcionadas pela vida (ERIKSON, 1969).

Até mesmo por uma questão de semântica, a velhice é relacionada com a decrepitude e, conseqüentemente, com a morte. Senescente, palavra que define aquele que está envelhecendo, está etimologicamente ligada à palavra senil que, além de idade avançada, refere-se a fraqueza, debilidade e doenças degenerativas. Se bem elaborada, a senescência se torna um período de enorme riqueza interior. Por mais árdua que tenha sido a vida, mais ela se torna enriquecedora do futuro quando podemos olhar para trás e ver que a maior e mais legítima fortuna que acumulamos foi exatamente a história que fizemos e que vivemos.

Entendendo-se assim a idade avançada, pode-se buscar a solução de antigos conflitos e encontrar um novo sentido para a vida, que inclusive se tornará uma autêntica preparação para a morte. Tomada nesse sentido, encontrar-se-á a integração pessoal e a verdadeira sabedoria (ERICKSON, 1991).

Uma forma de superar o sofrimento da velhice –

associada à proximidade da morte e ao sentimento de que o corpo é cada vez mais um fardo – é ampliar o leque de fontes de satisfação, de libido, de felicidade, de serenidade e de energia, o que é possibilitado também pelas relações sociais com as outras gerações (GOLDFARB, 2002).

Segundo Kastenbaum (1969), o idoso experimenta perdas em maior número, variedade e rapidez do que qualquer outro grupo etário. Assim sendo, ele acaba literalmente afogado em perdas, não encontrando tempo suficiente para elaborar e superar totalmente cada luto que vivencia. Luto é tomado como trabalho de elaboração de qualquer perda significativa. Como a morte é grande perda, por analogia denomina-se "luto" ao trabalho interior ou exterior que se faz para a superação decorrente de qualquer perda significativa no decorrer da vida. Por isso mesmo, a Psicotanatologia é um conjunto de técnicas utilizadas no atendimento das pessoas que sofrem essas perdas, fazendo-o exatamente a partir do que se aprendeu, ainda continuamos aprendendo, com as pessoas que vivenciam a grande perda que é a morte propriamente dita.

As perdas que se acumulam para o idoso podem ser distribuídas em cinco grupos: doenças crônicas e limitações físicas; morte do cônjuge, amigo ou parente próximo; morte de um filho ou neto; morte de um animal de estimação ou perdas materiais significativas.

## **2 UMA ANÁLISE DA OBRA: "A CERIMÔNIA DO ADEUS"**

O foco da investigação deste artigo está na vivência e nas experiências que aproximam Sartre da finitude, além de levantar alguns pontos de reflexão nos temas importantes para a pesquisa em gerontologia, tais como a finitude da vida, a vida e a morte.

A análise do livro "A Cerimônia do Adeus" foi baseada no diário de Simone de Beauvoir, escrito por Sylvie (sua filha adotiva) e lançado no ano de 1981, um ano após a morte de Sartre. O livro tem duas partes: a primeira relata os 10 últimos anos de vida de Sartre (entre 1970 e 1980), e a segunda parte apresenta as entrevistas feitas de Simone para Sartre, nos meses de agosto e setembro de 1974, entre verão e outono. Com sua habitual preocupação de contar a verdade, por mais brutal que fosse, e sem sentimentalismo algum, Simone descreve, na primeira parte do livro (somente a primeira parte do livro será mencionada neste trabalho), a deterioração física e mental de Sartre, o homem que ela havia amado. O público ficou dividido, alguns consideram o livro de mau gosto, outros o acham comovedor. No Brasil, o livro foi lançado no ano de 1982, contendo 604 páginas, traduzido por Rita Braga e publicado pela editora Nova Fronteira.

Jean-Paul Charles Aymard Sartre nasceu em Paris, no dia 21 de junho de 1905, ficou órfão de pai muito cedo. O pai, oficial da marinha, faleceu ainda jovem, dois anos depois do nascimento do filho. Foi com sua mãe, Anne-Marie Schweitzer, viver em casa de seu avô materno, Carl Schweitzer, de origem alsa-

ciana e protestante, professor de Alemão na Sorbone, em um apartamento no sexto andar de um edifício em Meudon, nos arredores da capital, nas proximidades do Jardim de Luxemburgo. Foi filósofo, jornalista, militante, biógrafo e crítico. Sartre estudou primeiro no Liceu Henrique IV, em Paris. Mais tarde, estudou no liceu em La Rochelle, localidade onde, tendo sua mãe se casado pela segunda vez, a pequena família passou a residir. No ano de 1924, conheceu Simone de Beauvoir, amiga, companheira íntima e cuidadora por aproximadamente 56 anos. Graduou-se em 1929. Era também um representante do existencialismo.

Sartre e Simone mantinham um relacionamento aberto e se relacionavam intimamente com outras pessoas. Sartre acreditava que os dois, antes de construir um casal ou família, eram escritores e, para o bem do existencialismo, era preciso vivenciar diferentes momentos, viver o mais livre possível e trocar todas as experiências vividas por eles. Moravam em casas separadas, mas próximos. Sartre morava num pequeno e austero apartamento no 10º andar em frente ao cemitério Montparnasse: dormia duas noites por semana na casa de Simone. De acordo com a mesma, no livro “A Cerimônia do Adeus” (p. 13-172) até 172), Sartre esteve em estado de alerta 20 anos antes de sua morte. No final de sua viagem à União Soviética, em 1954, com uma crise hipertensiva, precisou ser hospitalizado e, em 1958, escapou de um ataque, devido ao estreitamento de suas artérias e arteríolas.

No ano de 1970, Sartre apresentou grande dificuldade para respirar, tinha abcesso na boca e ameaça de gripe, fumava dois maços de cigarro por dia e be-

bia muito. Passou em diversos especialistas médicos, não menos que 11, quando foram detectadas perturbações circulatórias na região esquerda cerebral, além do estreitamento de artérias e arteríolas, e de vasos sanguíneos cerebrais. Foi recomendado, sem sucesso, que diminuísse o fumo e recebeu uma série de injeções revitalizadoras. Nesse ano, viajou muito, foi a Roma e fundou um novo jornal que, logo após, fundiu-se com "La Cause Du Peuple".

A saúde de Sartre dava sinais insatisfatórios, continuava com os vícios e estava sempre sonolento, o que fez o médico diminuir as doses de medicamentos. Sartre passou a ficar mais tempo na casa de Simone, pois o elevador de onde ele morava estava quebrado e se sentia muito cansado para subir escadas. Sartre estava sem dentes e não se sentia muito bem, a boca estava torta e, ao chegar à casa de Arlette (filha adotiva de Sartre), sofreu um ataque durante o sono, com pressão sistólica de 180 MMHG. Bebia uísque e só não fumava porque não conseguia segurar o cigarro na boca; sentia o membro superior direito dormente e pesado. Foi recomendado repouso e acompanhamento por 48 horas. Negou repouso e continuou trabalhando duramente; começou a sentir fortes dores na língua, não conseguia falar nem comer sem sofrer. Por muitas vezes, mostrava-se ausente e triste, pela primeira vez, comentou estar iniciando a cerimônia do adeus, o que deu nome ao livro.

Em 1971, Sartre, apresentou recaída dormindo e, ao acordar, percebeu ter perdido sensibilidade térmica em membro superior direito, sua boca estava mais torta e seu rosto inchado por abscesso no rosto que

logo desapareceu, assim como a tristeza e ausência. Tomava os medicamentos pontualmente, bebia menos e, em meados de novembro, Simone percebeu que estava tudo tão bem que quase se instalou a tranquilidade. Sartre sofria sem os dentes, queixava-se da memória em pequenas coisas (o que era verdade). Sofreu queda por embriaguês com sangramento nasal sem maiores consequências, a não ser a hipertensão, que chegou a medir 210 MMHG, a pressão sistólica.

Em meados de outubro desse mesmo ano, Simone tomou consciência da irreversibilidade da degradação da velhice de Sartre, que também começou com incontinência urinária esporádica. Tinha problema dentário, mas uma dentadura nova ajudou-o em muito e ele se mostrou mais feliz e alegre. Sartre ressurgiu, dizendo que a amizade de Simone e Bost o rejuvenescia.

Em fevereiro de 1973, ele sofreu uma bronquite que o deixou muito cansado, além de um novo ataque que o deixou com o rosto torto, o braço anestesiado e sem a memória plena das coisas. Após um eletroencefalograma, nada houve de anômalo nem problemas novos. Foi novamente proibido de fumar e beber, sem sucesso. Sartre desejava passar mais tempo em casa para trabalhar e produzir, mas, com o quadro de confusão mental, ficou impossível fazê-lo. Muitas vezes, não lembrava porque estava em certos locais. Enquanto isso tudo ocorria, Simone sentia seu mundo oscilar, assim como as melhoras e recaídas de Sartre, que ainda tomava injeções diárias e lia muito lentamente. Sentiu medo de ser amputado (por causa de sua arterite) e sentiu proximidade da morte. Aos poucos, foi abrandando sua confusão mental, bem como



sua energia; sentia-se incapaz e confuso. Oscilava entre euforia e sonolência, parecendo declinante. Não conseguia produzir trabalhos mais sérios, continuava em seus altos e baixos. O que mais fez Sartre sofrer nesse caminho de finitude foi a diminuição quase que total da acuidade visual, apesar dos tratamentos oftálmicos. Simone via Sartre cada vez mais feio: boca repuxada, visão deficiente, sem energia. Ao todo, ele teve quatro hemorragias oculares, glaucoma e aumento da pressão ocular, aquele momento, a incontínência diminuiu e foi relacionada ao uso de medicamentos. Sartre tinha hipertensão arterial sistêmica, diabetes *mellitus* e arterite.

Simone lia jornais para Sartre em Francês e Italiano. Não conseguia mais comer sem se sujar e sujar o chão, raramente aceitava ajuda para cortar carne. Intelectualmente, mostrava-se alerta, com a memória mais íntegra, mas, às vezes, se desligava, tinha bom humor e se queixava muito pouco.

Sartre mudou para um apartamento maior, também no 10º andar, mas com dois elevadores. Em 8 de outubro, foi ao tribunal de Paris, por ser citado por difamação, calúnia e ameaças de morte. O processo foi anulado.

Jornalistas questionavam sobre a saúde e deformidades de Sartre, que, nessa época, recebeu a notícia mais triste de sua vida: sua retina foi lesionada, por isso, foi pedido pelos médicos que não trabalhasse por cinco meses. Mostrava-se ausente, suportava com dificuldades as injeções para diabetes e percebeu que alguns médicos não se interessavam por ele, sim pela doença. Babava muito e, devido a sua im-

possibilidade para ler, decidiu contratar um ajudante para ler os jornais e escrever por ele; foi Victor quem aliviou o trabalho excessivo de Simone por um tempo. Após alguns anos, foi traído por Victor, que não escrevia fielmente seus escritos, deturpando sua opinião. Sentiu-se cansado, da casa, das coisas, de não trabalhar mais, sentia-se como um pedaço de tumba.

O ano de 1974 chegou e Sartre tentava trabalhar, reagia e Simone iniciou uma série de entrevistas com ele. Uma noite, quando Simone passeava com Sartre e Sylvie, em Florença, Simone foi roubada, teve o braço esquerdo deslocado e gessado; assim, decidiram não sair à noite. Em outubro desse mesmo ano, Sartre melhorou para comer, fumar, dirigir e sua adaptação motora era quase perfeita. Simone lia para Sartre, que voltou a dar entrevistas coletivas, voltou a trabalhar e escrever com letra quase ilegível. Assim chegou ao ano de 1975 reagindo, lutando e trabalhando. A falta de dinheiro incomodava Sartre que, muitas vezes, pagava seus projetos com dinheiro pessoal. Não tinha apego financeiro, ajudava financeiramente muitas pessoas, algumas vezes ficava sem o mínimo para suas despesas pessoais, não aceitava dinheiro de Simone.

Esteve em Roma, Grécia e Portugal. Perdeu um grande amigo com leucemia e resolveu não pensar mais nas perdas, porque nada poderia fazer. Normalmente Sartre não pensava nem falava da morte, mas dizia saber que ela chegaria. Simone observou nele cansaço, enrolar a língua, dificuldade para falar, engolir e caminhar. Tropeçava nos degraus, caía frequentemente e tinha dificuldade para realizar pe-

quenas atividades. Nesse mesmo ano, ganhou, na embaixada de Israel, o título *Honoris Causa* da Universidade de Jerusalém. Foi ameaçado por um grupo anarquista GIN, o que o fez findar o ano em Genebra, com Simone.

Em 1976, passou a sentir-se inválido, devido à diminuição da acuidade visual; temia ser má companhia, pois andava devagar, as dificuldades motoras eram evidentes.

No ano de 1977, Sartre mantinha as dificuldades de locomoção, voltou a fumar como de costume. Sentia-se morto profissionalmente, mas tentava se adaptar a cada situação. Nesse ano, tornou-se incapaz de caminhar, sentia dores o tempo todo na perna esquerda. Simone leu uma carta de encaminhamento do médico de Sartre para um especialista, e dizia que ele tinha apenas 30% de circulação nas pernas, podendo viver apenas alguns anos. Simone se deu conta da finitude de Sartre. O desespero e a angústia a invadiram. Não alimentava mais ilusões.

No ano de 1978, viajou para Veneza. Sartre estava com problemas financeiros (faltava dinheiro), o que o fez cortar algumas doações em dinheiro; continuava sem aceitar dinheiro, nem ao menos empréstimo de Simone.

No ano de 1979, foi ferido na mão por um doente psiquiátrico, com histórico de diversas internações em manicômio, que Sartre parou de ajudar financeiramente por conta de sua situação. O corte dessa ajuda custou-lhe esse ataque, porém sem maiores consequências.

O ano de 1980 foi marcante, fez *check up*, não

houve diferença em seus exames médicos se comparados ao ano de 1979. Foi encontrado bêbado no chão de seu quarto; escondia bebidas num cofre. Pouco tempo depois, Sartre sofreu de aerofagia (20 de março de 1980), não conseguiu pedir socorro a Simone, devido a sua limitação, pois não conseguia se locomover. Simone notou algo diferente e, quando o viu, correu para buscar socorro; feitos sangria e atendimento médico por aproximadamente uma hora, foi levado de ambulância para o Hospital Broussais. Os médicos informaram a Simone que era edema agudo pulmonar. Sartre tinha febre, delírios e permanecia a maior parte do tempo deitado, sentando-se somente para realizar as refeições. Emagreceu, e órgãos como bexiga e rins não reagem. Cansado, já apresentava escaras e gangrena, pois levantava raramente. Recebia poucas visitas, reclamava do período de curativo das escaras, mas, ao mesmo tempo, dizia ficar feliz, pois não as via. Lúcido, falava e acreditava não morrer ainda.

Em conversa com Simone, Sartre perguntou-lhe como faria para pagar as despesas do funeral; ela protestou, pois não queria que ele falasse da morte, mas aceitou, pois ele se via desenganado, presenciou sua morte sem angústia e Simone respondeu a sua pergunta dizendo que ficaria por conta do seguro social.

Em 13 de abril de 1980, Sartre tocou a mão de Simone e disse: amo muito você, minha Castor<sup>3</sup>. Sartre

---

<sup>3</sup> Forma como René Maheu a apelidou, porque castores vivem em bandos e têm o espírito construtor.

estendeu a boca, beijaram-se na boca e no rosto, ainda amava a vida ardentemente, mas a ideia de morte lhe era familiar. Sartre voltou a dormir.

Dois dias depois, não respirou mais. Simone recebeu a notícia, pediu para ficar sozinha com ele, tentou deitar na cama com ele, mas a enfermeira a impediu, devido às escaras e gangrena. Deitou por cima do lençol e dormiu com ele pela última vez. Simone atendeu ao pedido de Sartre, que não queria ser enterrado, nem sepultado junto à mãe e ao padastro. Uma multidão o acompanhou, aproximadamente 50.000 pessoas. Foi cremado no Père Lachaise, suas cinzas depositadas no cemitério de Montparnasse, Paris, na França. Simone não compareceu ao crematório, estava esgotada e passava mal. Em um interessante trecho, Simone declara:

eu estava muito esgotada para comparecer e dormir. E, não sei como, caí da cama e fiquei sentada no tapete. Quando Sylvie e Lanzmann regressaram da cremação, encontraram-me delirando; hospitalizaram-me. Estava com uma congestão pulmonar da qual me curei duas semanas depois.

No final do livro, Simone faz uma reflexão intensa sobre a doença, luta e morte de Sartre, onde diz:

De toda maneira, eu oscilava, como ele, entre temor e esperança. O meu silêncio não nos separou só a morte nos separa. A minha morte não nos reunirá, assim é. Já é belo que nossas vidas tenham podido harmonizar-se por tanto tempo (BEAUVOIR, 1982, p. 13-172).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Morte, óbito ou falecimento são termos que podem referir-se tanto ao término da vida de um organismo como ao estado desse organismo depois do evento. A morte é o fenômeno natural que mais se tem discutido em religião e ciências com opiniões diversas. O Homem, desde o princípio dos tempos, caracteriza-a com misticismo, magia, mistério, segredo. Para outros, a morte compreende o cessar da consciência, exatamente quando o cérebro deixa de executar suas funcionalidades.

Pensar na morte pode nos ajudar a aceitá-la e perceber que é uma experiência tão importante e valiosa como qualquer outra (ARIÉS, 2003). Morte é um tema presente: “A idéia da morte e o medo que ela inspira perseguem o animal humano como nenhuma outra coisa”, representando, em realidade, “uma proposição universal da condição humana”. A vida, por muitas vezes, exige que sejamos sábios para que a morte ocorra quando a vida precisa sair. Pensar na finitude é uma possibilidade de despedida materialista, mas não necessariamente uma despedida espiritual.

Para muitas pessoas, envelhecer faz bem, traz aprendizado, sobretudo, emocional. Não há como estacionar a idade cronológica, podemos buscar uma melhoria existencial. A morte não se opõe à idade e sim à vida. É além da idade que devemos olhar, e quebrar estigmas imputados à velhice como sinônimo de morte e doença, porque o envelhecimento é a resposta de um prolongamento de vida. Morte é parte obri-

gatória da vida, e nem sempre a velhice se faz presente, mas a morte também é parte obrigatória da velhice.

A morte não é privilégio da velhice. Morre-se em qualquer idade. É nesse momento que a morte aparece como uma possibilidade pessoal, provocando a busca ou a preocupação de antigo significado ou novo significado para a vida.

Sartre dizia:

Sinto que a vida se amplia e enriquece sempre, mesmo após os 60 anos de idade, com estreitamento da velhice e da doença pelo cansaço de não poder realizar longas viagens, que atinge cada um e nós como um leve avanço para a morte (BEAUVOIR, 1982, p. 580).

O desejo e a vontade de viver são sentimentos humanos. O homem é um ser que deseja: deseja amor, vida, saúde e conforto (KANT, 1992). Sartre disse: "Quando morrer morrerei satisfeito. Descontente por morrer em tal dia e não 10 anos depois, mas satisfeito" (BEAUVOIR, 1982, p. 588).

Podemos considerar a morte como a maior das crises que o homem enfrenta. A nossa vivência fica marcada no humano, no outro, no nosso próximo. Sartre sentia-se muito bem, ao conversar com pessoas mais jovens.

Para Freud (1996), o ser humano só sobrevive porque um outro o deseja: a necessidade elementar de ser amado e de ser cuidado com carinho se mantém nas pessoas até a morte.

O morrer de Sartre foi lento, oscilante e com alterações progressivas, passava por pequenas mortes

diárias, que o faziam experimentar a capacidade de adaptação para manter-se vivo na velhice. Sentia-se cada vez menos confortável a cada dia, com grande dificuldade para aceitar suas mortes diárias em pequenas coisas. Oscilava em seus sentimentos, sentia seu futuro incerto e o medo da proximidade do fim de sua existência fez com que frequentemente temesse ao agravamento de suas doenças e apavorava-se na possibilidade de amputação.

Por diversas vezes, Sartre ignorava a vida e todas as recomendações médicas, algumas vezes, não aderira ao tratamento, não realizava repouso pedido pelos médicos, vivia de maneira indiferente, por vezes, negava sua finitude, ou exercia o existencialismo criado por “ele”. Sartre disse: “Utilizei minha liberdade para o que desejava, quando morrer, não morrerei desfazendo de minha vida, aceito-me integralmente e sinto-me com precisão, tal como quis ser” (BEAUVOIR, 1982, p. 587).

O humanismo existencialista de Sartre se desenvolveu de uma ontologia fenomenológica de uma teologia ateia. Acreditava que o homem nasce sem razão, subsiste por fraqueza e morre por acaso. O existencialismo sartreano é uma forma de humanismo, suprimindo a necessidade de Deus e colocando o próprio homem como criador de todos os valores. A morte seria, para Sartre, como aniquilamento de seu “ser”, algo que tira o significado do Ser. Foi evidência de uma geração em crise, que perdeu o sentido de sua existência e se defrontou com a ausência de limites e excesso de liberdade, tornando-a uma espécie de doutrina da liberdade para toda uma geração de europeus, “os homens de 1945”, que sobreviveram



aos sofrimentos da Segunda Guerra Mundial. Sartre não acreditava em Deus.

A religiosidade é colocada como um fator muito importante para a felicidade humana. Oferece-nos uma possibilidade de acreditar que nossa vida pode ter alguma continuidade depois da morte, que temos alguma coisa para esperar do futuro. Para uma pessoa que envelhece, isso dá uma grande sensação de serenidade e calma. Não é pouco comum encontrar alguém que viveu como ateu uma vida inteira e, durante o processo de envelhecimento e especialmente durante a velhice, mais tardiamente, adquire algum sentimento religioso. A pessoa pode sentir que esse corpo pode deixar de ser, mas a alma continua, então é uma forma de driblar a finitude (GOLDFARB, 2002).

Podemos dizer que a maior parte das alterações de Sartre foi estritamente relacionada ao modo como ele viveu a vida e encarou as doenças.

Na crise dos valores tradicionais, abalados pela matança e pela crueldade universal, o pensamento Sartriano serviu para uma grande geração de europeus desesperançados, que depois de uma Europa sobrevivente às guerras saiu da conveniência e modismo da população. Quando a Europa se reergueu após as desesperanças, não foi mais "necessário" acreditar no existencialismo sartriano.

Cego desde os 67 anos de idade, convém relatar que Sartre, para poder escrever sem cessar ao longo da vida, consumiu, em excesso, fármacos e energizantes que usou em favor de sua "causa" (era comum ele escrever por 14 horas seguidas).

A doença foi matando-o aos poucos, provocando

odores fortes, vindos de um corpo que, dia a dia, se degradava e se esvaziava de vida, e o que mais entristeceu Sartre foi a dificuldade para enxergar. Não conseguia ser o mesmo de antes para trabalhar, ler e escrever. Sartre se tornou alvo de Victor (secretário de Sartre), tornou-se frágil e vulnerável, por esse motivo, foi traído. Victor escrevia textos de sua autoria e manipulava Sartre, que concordava com ele, sem conseguir enxergar. Victor escrevia sem revisão seus escritos.

Sartre sofria por se sentir improdutivo, confuso, cego, e com diminuição de movimentos, aos poucos sentia a finitude chegar, por muitas vezes acompanhado de dores. Suas hospitalizações e seus retornos médicos eram bastante frequentes e, por muitas vezes, se enchia de esperanças, e as incertezas o faziam oscilar. Ficou triste quando percebeu que, para alguns médicos, era visto como “sua doença”, não como o indivíduo.

Tentava, por muitas vezes, fugir da realidade, com uso abusivo de fármacos estimulantes para escrever incessantemente como forma de distanciamento, isolamento e prazer momentâneo.

Sartre foi um homem generoso com os pobres e desapegado a bens materiais, porém, em detrimento de seu estado de saúde, devido à dificuldade em escrever e trabalhar, foi necessário cortar algumas ajudas financeiras e voltar sempre ao trabalho, para custear suas despesas pessoais. Sempre foi polêmico: odiado por uns, amado por outros, considerado, às vezes, uma das consciências mais lúcidas do século, em outras, o grande “manipulador” da juventude e a “consciência odiada” (GERASSI, 1990).

Sartre temia deixar de ser um homem de pensamento, temia o fim de sua consciência, como o fim de sua visão. Acreditava que o valor da vida é o sentido que cada homem escolhe para si mesmo. Sartre é reconhecido até hoje pelas contribuições feitas ao meio social e à humanidade; foi criativo e brilhante. Pouco antes do seu fim, demonstrava ter perdido o sentido da vida. É pela consciência de nossa finitude que valorizamos nossa existência individual. Assim, a morte de Sartre se colocou como parte do "eu" de Simone de Beauvoir, que, em todo tempo, respeitou sua autonomia. Demonstrou ser cuidadora de Sartre por 10 anos. Em meio à morte de seu companheiro, sentiu um vazio que a fez sofrer e adoecer. Sartre teve o sofrimento compartilhado e acolhido por Simone.

A morte libertou-o do sofrimento.

Aprender a envelhecer permite criar novas formas de existir que possibilitem uma atitude de reinventar-se constantemente como se cada dia fosse o último, de continuar escrevendo a sua própria história de vida, a partir de um projeto que indique em que sentido e para onde se deseja transformar (SARTRE, 2002). Se você investe na família, na profissão, no amor, numa atividade qualquer geradora de prazer, enfim, vários investimentos possíveis, pode perder algum deles, mas vai ter sempre objetos para onde dirigir sua energia. O trabalho é importante, é uma das melhores maneiras de se obter satisfação, ainda que não responda a uma vocação específica, mas que seja significativa, que seja uma produção válida para a sociedade (GOLDFARB, 2002).

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BEAUVOIR, S. **A Cerimônia do Adeus**. Tradução de Rita Braga. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BEAUVOIR, S. **A Cerimônia do Adeus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BECKER, Ernest. **A Negação da Morte**: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana. São Paulo: Record, 2007.
- ERIKSON, E. **Childhood and society**. New York: Norton, 1969.
- ERIKSON, E. H; ERIKSON, J.M. **On generativity and identity**: from a conversation with Erik and Joan Erikson. Harvard Educational Review, 1991.
- FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GERASSI, John. **Jean-Paul Sartre**: consciência odiada de seu século. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- GOLDFARB, V. C. **Psicanálise e envelhecimento**. Revista Kairós, Caderno Temático 2, São Paulo. EDUC, p. 13-38, ago. 2002.
- KANT, I. **Sobre pedagogia**. Madri: Eumo, 1992.

KASTENBAUM, R. Death and bereavement in later life. In: KUTSCHER, A. H. (ed) **Death and bereavement Springfield IL**, Charles C Thomas 1969, 28-54.

KOVÁCS, M, J. Medo da morte. In: KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 14-27.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

SARTRE, J. P. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SCHRAMN, F. R. Morte e finitude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos. **Revista Brasileira de Cancerologia**, 48(1). 17-20; 2002.

## ANALYSIS OF THE MEMORIAL OF THE FINITUDE OF SARTRE IN THE BOOK: "THE FAREWELL CERIMONY" OF SIMONE OF BEAUVOIR.

**Abstract:** This article discusses the great impact text by Simone de Beauvoir as she describes the slow death of Jean Paul Sartre, famous philosopher of the 20th century. Sartre and Beauvoir are considered intellectual icons while keeping an open relationship as lovers and friends for more than 50 years. The goal of this reflection is to raise some very important issues concerning gerontology perspective such as finitude, life and death based on the reports, testimonies and Simone's personal journal about the progression of Sartre's disease. The journal pictu-

res his last 10 years of life until the farewell ceremony followed by approximately 50,000 people. It contains his daily life and efforts to remain alive. Even dead, his existential ideas remain alive in ordinary people's lives. Sartre was afraid of losing reason, he feared the end of his consciousness and the loss of sight. The philosopher is still acknowledged for his brilliant and creative contributions. He faced a paradox: a strong desire to continue living and the discovery of the difficulties of each stage of his illness. Death freed him from suffering.

**Keywords:** Finitude. Life. Memorial. Death. Farewell.

Recebido em fevereiro de 2010

Aprovado em abril de 2010